

## As primeiras escolas judaicas do Paraná

*Por Sara Schulman*

Falamos da educação judaica em Curitiba a partir da vinda dos primeiros imigrantes judeus é assunto que consideramos da maior relevância, uma vez que esta foi a preocupação maior daquelas primeiras famílias que aqui aportaram no início do século passado, vindos mormente de países da Europa (com raras exceções), com o fim de encontrar melhores condições de vida que aquelas que tinham vivido em seus países de origem. Alguns, inclusive, chegaram sozinhos, sem suas famílias, para depois de anos cumprirem o objetivo de as trazerem para Curitiba, vivendo as maiores dificuldades para encontrar trabalho, se manterem e economizarem para aquele projeto de vida.

A maior parte dos que aqui chegaram, (a partir de 1889) vieram da Polônia, da Rússia, Ucrânia, Galícia austríaca; tinham que lutar pela sobrevivência da melhor forma que as circunstâncias permitissem. Sem conhecer os hábitos, a língua, o clima, a comida, e etc., enfrentaram as maiores dificuldades “com a cara e a coragem”, com bravura admirável que bem poucos de nós teríamos enfrentado até em nossos dias. Vinham dos *shtetls* e dos guetos, alguns até sem documentos, passando, muitos deles, os maiores perigos até chegarem aqui. Lá, haviam sofrido a pobreza, a fome, os maus tratos e *pogroms*; aqui, vieram à procura de um lugar onde pudessem viver e livres criar seus filhos, sem sofrer as opressões que estavam passando em sua pátria natal. A meta — Brasil, Curitiba — era a grande esperança de que esse sonho pudesse ser realizado.

E então, depois de estabelecido o primordial — a sobrevivência física — igual a todos os pais judeus no mundo inteiro, naquele tempo como até em nossos dias, o sonho maior, além da preservação da vida, era a manutenção das raízes tradicionais através da educação, dos estudos do idioma e dos assuntos judaicos e religiosos para seus filhos e a perpetuação deles como judeus. Mas...

Alguns anos se passaram sem que esse sonho se efetivasse. Não havia professor, não havia escola, não havia recursos para tanto...

Em 1921 o Centro Israelita do Paraná, instituição que congregava a maioria dos judeus de Curitiba, contava com 50 sócios e um número expressivo de crianças em idade escolar. Não existia um órgão especializado para sua instrução e esse fato preocupava os pais. Sob a orientação de Bernardo (Burach) Schulman, foi formado um Comitê Escolar, com a finalidade de tratar do problema da educação judaica de seus filhos. Esse comitê foi constituído pelos senhores Julio Stolzenberg, Samuel Friedman, Isaak Druker e Bernardo Schulman. No entanto, na falta de recursos para a concretização de uma escola, decidiram que “o próprio comitê tomaria a si o encargo do ensino elementar das crianças da coletividade”. Assim sendo, foram reunidas as crianças em idade escolar no recinto da biblioteca do Centro Israelita do Paraná e, alternadamente, os próprios membros do comitê ministravam-lhes o ensino elementar judaico.

Há poucas informações sobre essa primeira tentativa. Sabe-se apenas que, apesar dos bons resultados, essas atividades duraram apenas alguns meses e depois foram suspensas.

## **A ICA e o Rabino Isaias Raffalovich**

*Prof. Nachman Falbel*

...Logo após a interrupção sofrida durante os anos da Primeira Guerra Mundial, Raffalovich retomou sua atividade em prol do emigrante (iniciada ainda nos anos de sua juventude a partir de 1870), com grande intensidade. Em função de sua missão ele viajou, em 1921, a Amsterdam, Antuérpia, Roterdam e Haag para travar entendimentos com as comissões locais com as quais estava em contato durante vários anos, para que juntos convencessem a ICA a reunir uma assembléia especial, de todas as comissões de imigração, para discutir os difíceis problemas atinentes a essa questão. A assembleia reuniu-se em Bruxelas, com representantes de vários países, para tratar do assunto. O fato chamou a atenção dos responsáveis pela ICA, cujo diretor geral visitou Liverpool, cidade portuária inglesa, que servia de rota de passagem dos emigrantes da Europa para a América. Raffalovich exercia suas atividades naquela cidade, na Hope-Place Synagogue (1904-1923) em especial a partir de 1905, quando o número de emigrantes judeus da Rússia aumentou consideravelmente. Sua atividade se referia a possibilitar condições de viagem aos emigrantes e nessa função ele era reconhecido por seu talento, trabalho e dedicação, já que não poupava esforços para ajudar os emigrantes que aportavam lá.

A experiência de Raffalovich com as questões concernentes à imigração e seu trabalho com imigrantes que passavam por Liverpool foi tão marcante que se tornou conhecida em toda a Inglaterra. Nessa ocasião, a ICA estava interessada em implementar a imigração judaica no Brasil. Desse modo, Raffalovich foi convidado para representá-la no nosso país e criar condições para dar o devido suporte à imigração judaica, implementando o projeto da colonização agrícola já existente no Rio Grande do Sul desde 1904.

Em 1925, por recomendação de seu representante oficial para o Brasil, — o Grão Rabino I. Raffalovich — a ICA (Jewish Association for Colonization) —, cujo papel foi fundamental na formação de instituições de ajuda ao imigrante bem como na formação da rede escolar judaica no Brasil, resolve beneficiar Curitiba, que recebe então, sob os auspícios da ICA, um mestre-escola, vindo da Argentina, o professor Beller, com cursos de formação no Seminário de Professores de Hebraico em Lemberg e na Academia Export de Viena, e cujas aulas passaram a ser ministradas na sede do Centro Israelita do Paraná, na rua Cruz Machado nº 36.

A ajuda da ICA deveu-se a grande preocupação do Rabino Raffalovich quanto à educação judaica no Brasil; seus relatórios à ICA se referiam à falta de recursos das pequenas comunidades, como Curitiba, que não tinham meios de manter uma escola; e se manifesta alarmado, escrevendo à ICA que “a maioria dos judeus está distanciada das práticas religiosas e das tradições, estando por demais envolvidos em suas realizações materiais”. Ele receia que as crianças não saberão sequer a língua de seu povo, nem seus valores e tradições.

A partir disso, é perfeitamente compreensível que a ICA passe a concentrar esforços na tarefa de organizar, orientar e subvencionar escolas judaicas em todas as cidades brasileiras onde houvesse comunidades judaicas.



Com o aparecimento do Prof. Beller, começou a funcionar, na sede do Centro Israelita do Paraná, uma escola aparentemente normal. Mas, nem essa iniciativa durou mais que seis meses e somente em 1927 o ensino judaico se organizou em virtude da chegada de um casal de professores – Jacob e Bela Fainguelernt.

**Professores Jacob e Bela Fainguelernt**

- \* Schulman, Bernardo, Crônicas de Curitiba, Lexicon, Rio de Janeiro, 1953, pg 56, 57
- \* Falbel, Nachman, Isaías Raffalovich e a Educação Judaica no Brasil, 2006
- \* Gouvêa, Regina Rotemberg, Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann: Sua História, O Macabeu comemorativo dos 50 anos da Escola Israelita Brasileira S.G. – “Educando com Amor”, Abril de 1985
- \* Relatório Raffalovitch, - ICA, 1926, Rio de Janeiro
- \* Relatório ICA – Raffalovitch, Rio de Janeiro, 1929
- \* Beller, Jacob, Jews in Latin America. Nova York, Jonathan Publishers, 1969.p.231-245

### **ICA Jewish Association for Colonization**

Foi fundada em 1891 por um grupo de banqueiros judeus, liderados pelo alemão Maurice Hirsh (1831-1896) para auxiliar a saída dos israelitas das nações onde sofressem perseguições.

Antes da existência da ICA, os mesmos banqueiros usavam seu capital como meio de pressionar as autoridades a não perseguir judeus, método que fracassou na Rússia quando o Czar, em 1881, não aceitou os 50 milhões de francos de ajuda em troca de proteção aos judeus, motivando a fundação da entidade.

Além do serviço de imigração a ICA cria e subvenciona o ensino judaico na época.

### **Iídiche**

O iídiche é a língua formada pela junção do alemão medieval com palavras hebraicas, aramaicas e eslavas. Foi primeiramente falada pelos judeus da Alemanha, na Idade Média, e logo convertida em língua da grande massa judaica da Europa Oriental. Nessa língua, a parte principal é alemã, aproximadamente 1/4 procede do hebraico e do aramaico e 1/10 das línguas eslavas.

Certas personalidades abalizadas consideraram que essa língua, o iídiche, deveria ser suprimida por ser um mero jargão.

## Dr. Raffalovitch

Em 1923 a ICA enviou ao Brasil o grão-rabino dr. Raffalovitch com um duplo objetivo: 1) tratar das condições que permitissem maior imigração de judeus da Europa Oriental para o Brasil; 2) contribuir para a efetiva organização dos judeus já radicados aqui, com vistas à manutenção das características culturais do judaísmo.

A partir do movimento conhecido como *Haskalá*, inspirado no iluminismo francês, surgiram novas propostas de ensino. Dentro desse movimento renovador, existiam diferenças entre grupos que pregavam a supressão do iídiche (principalmente na Alemanha) e os que pretendiam mantê-lo.

Relatório Raffalovitch – ICA, 1926, Rio de Janeiro.

Relatório ICA Raffalovitch, Rio de Janeiro, 1929.

### Ensino do iídiche ou do hebraico em Curitiba

No Brasil, ambas as linhas – a *Tarbouth* em favor do estudo somente do hebraico, como língua exclusiva, com a supressão do iídiche; e a *Zischa*, em favor da preservação do iídiche, estiveram presentes. Ambas se preocupavam com o ensino da língua (hebraico e/ou iídiche). No caso particular de Curitiba, houve períodos em que predominou a linha *Tarbouth* e outros em que prevaleceu a *Zischa*, dependendo, basicamente, da formação dos professores que eram contratados.

### O casal de professores Jacob e Bela Faingelernt

O dr. Moysés Paciornik era nossa “Enciclopédia Viva” sobre os assuntos da comunidade judaica de Curitiba. Ele escreveu o que segue sobre a vinda do casal Faingelernt a Curitiba: “Lá por 1927, Nathan (Paciornik, meu pai) recebeu a visita de nova família de imigrantes, como sempre acontecia quando apareciam novos imigrantes na cidade.

Ele, o professor, um homem grande, cabelo encaracolado, voz forte, decidida. Ela, Have (Eva), magrinha, recatada; e o filho Mussia, criança ainda.

— Somos professores formados em Pedagogia pelo Seminário de Odessa. Soubemos que Curitiba não tem escola iídiche.

— É verdade, mas podemos fundá-la, responde Nathan. Nesse meio tempo, do que vocês vão viver? Podemos arranjar-lhe crédito, comprar as mercadorias e então você poderá começar a trabalhar desde já. É como todos os *idn* começam quando chegam: como *clienteltchics*. (vendedores ambulantes, de casa em casa).

— Ser *clienteltchic*? Bater de porta em porta? Não. Sou forte, prefiro ser operário. Me arranje um lugar na sua fábrica de sabão e prometo ser um bom operário.

Assim, um esforçado professor Faiguelernt começa seu trabalho em Curitiba, demonstrando seu valor, coragem e boa vontade.

Nathan, de sua parte, convoca os líderes da colônia, nossos *Clal tiers* (os realizadores!). Lembro do Júlio Stoltzemberg, Max Rosenmann, Burach Schulman, Salomão Jaskevicz, Salomão Guelmann, Simão Aizemberg, Francisco Frischman, Germano Weniger, Nahum Wugman — havia outros, toda a colônia envolvida.

Reuniões todas as noites, muito entusiasmo. Juntar dinheiro; encontrar casa para alugar com muitas salas; comprar carteiras, cadeiras, quadro negro, giz, lápis, papel... Enfim, formar uma escola onde o iídiche e o hebraico seriam ensinados à meninada da colônia. Incontinenti alugam uma casa na Rua André de Barros, onde hoje é o Senac, e em festa solene, abrem as matrículas.

Esther, minha irmã, foi a aluna número 1, eu o número 2, e meu irmão Rafael o número 3. Lembro mais alguns da primeira turma: Noé Guertel, Dório Stoltzemberg, Hilda e Fany Frischman, José Wainstock, Germano Paciornik, Chico e Tereza Burkinski, Isaac Katz, (depois Gelbert porque não gostava do nome Katz), Isaac Daitcher, Xuxe Chamecki — havia outros cujas faces vejo, nomes não me recordo.

Ao todo éramos uns vinte. Depois das aulas do ginásio íamos todos para nossa 'idishe shule' (escola iídiche).

Na abertura solene, o professor Fainguelernt, compenetrado, imponente, pega a ficha, apanha a caneta, umedece a pena no tinteiro de cristal, doação da coletividade. A voz forte enche a sala.

'Nesse momento tenho a honra de inaugurar a Escola Israelita do Paraná. Por favor, o primeiro aluno: Seu nome? Esther Corina Paciornik. Nome dos pais? Rosa e Nathan Paciornik. Idade?'

Lágrimas nos olhos de não poucos pais...

Começava nossa escolinha...

Se me lembro? Faz só 87 anos... Claro que me lembro!"

### **As escolas judaicas do Paraná**

*Burach Schulman* — "O casal Fainguelernt": Macabeu nº 40, 1959

Outra história sobre a vinda dos professores Fainguelernt a Curitiba, escrita pelo nosso patrono, sr. Burach Schulman, — um *idishista* — apareceu na revista "Macabeu", editada em 1959. Ele conta, de forma deliciosa, as peripécias da chegada do casal a Curitiba:

Era em 1927 e a história começa em Porto Alegre. O professor da escola israelita local, sr. Jacob Fainguelernt, então um hebraísta fanatizado, por motivos de divergências com os *idishistas* locais, deixa a casa de ensino, leva a esposa e parte, de trem, com destino ao Rio de Janeiro.

Uma tal viagem pela estrada de ferro, naqueles dias, era extremamente penosa. Uma questão de 3 ou 4 dias, só até S. Paulo. Chegando a Ponta Grossa, a senhora Fainguelernt, que se achava em estado interessante, começa a sentir-se

indisposta. Que fazer agora? Continuar a fatigante viagem? Impossível! Desembarcar em Ponta Grossa? Haverá lá algum patrício? Eles são gente imigrada há pouco, desconhecem a língua do país! Mal, mal, entendem algumas palavras de português. Ocorreu-lhes então o nome de Curitiba. Já sabiam que na Capital paranaense existia uma regular comunidade israelita. Até já haviam ouvido falar num tal sr. Nathan Paciornik, que, segundo diziam, era pessoa hospitaleira e prestimosa. E a distância, de apenas algumas horas a mais de viagem.

Em Curitiba, verifica-se que a gestante, mesmo descansando alguns dias, não poderá seguir viagem; tem de esperar o nascimento do bebê. Para tanto, o casal não tem recursos suficientes. Nathan, então, oferece-lhes a casa e um pouco de dinheiro "emprestado", pois aqui havia um Comitê Benéfico (*Hilfs Farein*).

— Caridade? — zanga-se o sr. Fainguelerent — caridade, nunca! Prefiro morrer de fome! O que ele precisava é que lhe arranjassem trabalho. De profissão é professor de hebraico, mas sujeitar-se-ia a qualquer serviço físico, qualquer coisa que fosse, desde que pudesse ganhar o necessário.

— Não poderia dar aulas de iídiche?

—Não, isto é que não. Sou professor de hebraico e, além do mais, é questão de princípios. Sou contra o *idishismo*.

Não havendo outro trabalho, Nathan arranja-lhe serviço na fábrica de sabão dos Irmãos Paciornik. Paga-lhe, é verdade, salário muito maior que aos outros, mas o trabalho é árduo, altamente fatigante e sujo; quanto mais para um intelectual que nunca soube o que seja o labor físico. O professor Fainguelerent, entretanto, trabalha firme! O suor escorre-lhe em bicas quando mexe, com o grosso madeiro, o sabão fervente do caldeirão; mas, continua firme! Quer ganhar honestamente sua fatia de pão!

## Epílogo

O casal Fainguelerent ficou morando em Curitiba durante quatro anos.

Com ele, fundamos a nossa escola integral que, oito anos mais tarde, tomou o nome de Escola Israelita Brasileira "Salomão Guelmann". O hebraísta fanatizado não só ficou ensinando iídiche, mas foi em Curitiba que travou o maior conhecimento com esse idioma, com sua literatura e jornalismo modernos, e até chegou a tornar-se professor bilíngüe, posteriormente, em escolas de Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

\*\*\*

Segundo relata o professor Falbel, baseado em depoimento do professor Raizman, que foi um dos primeiros historiadores judeus no Brasil e do grupo dos fundadores do Poalei Sion, em Porto Alegre: Ele diz que a luta entre as correntes hebraísta e *idishista* é o que levou, na época, à divisão de algumas escolas, entre elas a de Santos, assim como a de Porto Alegre. Raizman coloca claramente que a divisão da escola de Porto Alegre foi de caráter ideológico e ele, Raizman, *idishista* por convicção, considera que a culpa da cisão nas escolas cabe aos sionistas e à obstinação do professor Fainguelerent, que se recusa a ensinar o iídiche. Raizman enfatiza o papel de Jacob Fainguelerent como hebraísta que não dava importância ao ensino do iídiche. Isto, no entanto, não ocorre em Curitiba, segundo o escritor

Bernardo Schulman, como vimos acima. Bernardo Schulman nos conta, no escrito acima, da relutância inicial de Fainguelernt em lecionar o iídiche, pois enfatiza o hebraico, mas que acabou por fazê-lo, tornando-se um professor bilíngüe, também nas escolas em Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Na verdade, ainda segundo os estudos do professor Falbel sobre este assunto, as divergências entre os adeptos das duas correntes foi sendo enfatizada e atingiria seu momento mais agudo no final dos anos 20 e inícios dos 30; era o tempo do "ódio ideológico" verborrágico, irresponsável, sem limites e sem escrúpulos! Por um lado, entre os círculos de esquerda, havia a visão de que o hebraico era uma língua sem futuro, clerical, assimilacionista, dos grupos de esquerda; do outro lado, o iídiche seria a língua que preservaria o jovem educando da assimilação, porque falava a língua de seus pais vindos da Europa de fala iídiche, o que possibilitaria transmitir a herança da cultura judaica acumulada através dos tempos... Nessa disputa entre as duas tendências, segundo Falbel, o representante oficial da ICA, dr. Raffalovitch, apesar de hebraísta também, sempre optou pelo ensino das duas línguas, resolvendo, dessa forma salamônica, a disputa entre as duas tendências. Um exemplo adicional encontramos em uma carta de Zvi (Germano?) Weiniger, publicada em 31/1/1928, na qual se refere à escola de Curitiba como tendo forte tendência hebraísta — (professor Fainguelernt?) — e na qual o dr. Raffalovich fez um acordo para que se ensinasse as duas línguas, o iídiche e o hebraico.

Como vemos, a luta entre os grupos, inclusive em Curitiba, foi intensa e a solução a que se chegou, foi a de que a melhor opção era a criação de uma escola bilíngüe.

Em 29/10/1931, depois de inúmeras solicitações do professor Faingelernt para ser transferido de Curitiba, o dr. Raffalovich escreve-lhe um cartão, informando-o de que um professor formado no *Tarbut* de Vilna e Varsóvia estava aceitando substituí-lo, na escola iídiche, em Curitiba. E assim, foi-nos enviado e recebemos em Curitiba o novo professor da Escola Israelita Brasileira, o professor Baruch Bariach.

#### Observação

Na citação da tendência da escola de Curitiba ser hebraísta, a autora coloca entre parêntesis o nome do professor Fainguelernt porque assim deduz ela, dando a entender que a influencia dessa tendência poderia ser de Fainguelernt.